

QUE O DIABO NOS CARREGUE

um filme de Jean-Claude Brisseau

com Fabienne Babe, Isabelle Prim, Anna Sigalevitch, Fabrice Deville, Jean-Christophe Bouvet

Que le diable nous emporte | 2018 | França | 1h38 | M/16

O estranho caminho de Jean-Claude Brisseau

Entrevista a Jean-Claude Brisseau
por Luís Miguel Oliveira, *Ípsilon* (excertos)

«[...] Há um plano inicial com Fabienne Babe (que regressa ao cinema de Brisseau 30 anos depois de *De Bruit et de Fureur*, 1988) na luz mediterrânica do que se presume ser Marselha, a falar ao telefone com a dona de um telemóvel perdido. Mas a seguir já se está na casa que é cenário central: esta outra *rapariga de parte nenhuma* vem buscar o telemóvel (que está cheio de vídeos de sexo), é recebida por Babe, e dali já não volta verdadeiramente a sair. A história depois é outra e, sobretudo, tem mais personagens – outra mulher para formar um trio com estas duas, o namorado da rapariga do telemóvel, e um velhote (o grande Jean-Christophe Bouvet) que vive no andar de cima e passa os dias a meditar e a levantar.

Em parte, é uma narrativa construída para o cenário quase único daquela casa. Como nos confirma, ao telefone, Brisseau este filme e o anterior são feitos com “muito pouco dinheiro”, usar a sua casa é uma opção ditada por razões económicas, “é menos um *décor* que é preciso pagar”. Mas em igual parte a rima com *A Rapariga de Parte Nenhuma* é deliberada: a Brisseau interessa “o tema da deriva”, as personagens que vão aonde vão e chegam aonde chegam movidas apenas pelos caprichos do acaso. Ou do Diabo: nesse primeiro plano o título do filme vem enquadrado na sua origem, uma citação de Pushkin (“não sabemos para onde vamos, então deixemos que o Diabo nos carregue”).

[...]

“Penso que o tema da deriva é inseparável do tema do sofrimento, interessa-me seguir personagens jovens, e neste caso não apenas jovens, que tentam interromper essa deriva como forma de pôr fim ao seu sofrimento, e olhá-las da forma mais compassiva que me for possível”.

[...]

Se há coisa típica dos filmes de Brisseau é a enorme (e quase desamparada) liberdade do lugar do espectador, a quem são dadas poucas pistas sobre como deve entender o que está a ver. Há lugar para tudo, da maior gravidade e do maior dramatismo, “biográfico” (o *racconto* que a personagem de Babe faz da origem dos seus traumas de infância) ou “filosófico” (os segmentos com a personagem de Bouvet), mas também para o que parece irrisório ou caricatural, a desafiar a capacidade de crença do espectador – como aquelas cenas de sexo “cósmico” [...] Talvez aí o espectador ria, mas quem ri por último (e melhor) é o filme, que se conclui numa gargalhada (de uma das mulheres) que pode ser tudo, pode ser até o filme a rir-se do espectador, a fazê-lo vacilar até ao derradeiro momento. Um final em que, diz Brisseau, a inspiração veio das gargalhadas “mais violentas” de que se lembra, a da *Quadrilha Selvagem* (1969) de Peckinpah e a do *Tesouro da Sierra Madre* (1948) de Huston.

[...]

Camille, uma bela mulher com os seus quarenta anos, encontra o telemóvel que Suzy perdeu na estação de comboio. Quando Suzy liga para o seu próprio número, as duas mulheres combinam um encontro na casa de Camille para que a jovem o possa recuperar. Durante esse encontro, Suzy conhece Clara, a namorada de Camille. Enquanto isso, elas são interrompidas por Fabrice, amante alienado de Suzy que, embriagado, faz de tudo para a reconquistar.

A partir daí, inicia-se um jogo de desencontros. Pouco a pouco, cada um escolhe o caminho que consideram que os levará à felicidade, o seu lugar na trama dos sentimentos.



O prazer e o sofrimento

E depois, o erotismo, o sexo. Ninguém o filma como Brisseau, nem com os riscos que ele corre. O risco, até [...] na maneira como o erotismo é articulado com uma dimensão sobrenatural, como se o momento do sexo fosse o momento da intromissão na existência de um poder de origem mágica ou mística sempre indefinível. Mas também são momentos em que o espectador “perde” o seu lugar, como se o convite para a titilação erótica nunca se confirmasse – estamos mais próximos da posição do espectador que contempla um bailado ou, melhor ainda, uma pintura, porque a dimensão estética, as formas criadas pelos gestos e movimentos dos corpos enrolados uns nos outros, prevalece sempre sobre qualquer outro tipo de estímulo.

“O porno, para mim, é o grau zero, o menos um, menos dois, da escrita cinematográfica, mas acabou por tomar, a partir dos anos 70, o lugar de um cinema propriamente erótico”, diz. No seu caso há uma obstinação: pensar que “o cinema pode tratar a experiência do sexo com a mesma naturalidade com que trata, por exemplo, a experiência do assassinio, com que o cinema nunca teve problema algum.

[...]

Mas há também a ligação ao tema do sofrimento: “o prazer erótico, para mim, é o símbolo de todos os prazeres que humanamente podemos ter, mas também é o prazer que mais nos liga uns aos outros, e que desencadeia o sofrimento se essa ligação se romper”.»

**Que le diable nous emporte (2018)
de Jean-Claude Brisseau**

Por Luís Mendonça, À Pala de Walsh (excertos)

«[...] *Que le diable nous emporte* (*Que o Diabo nos Carregue*, 2018), um dos filmes mais cruéis e divertidos de Brisseau, um falso drama e uma falsa comédia sobre o feminino, o sexo, o cosmos e, rindo, rindo alto, uma qualquer ideia de Deus ou de divino. Uma ideia, aliás, que se concentra, num movimento centrípeto, no interior de três apartamentos. Como se Brisseau abdicasse de vez da potência estética e transcendente da paisagem para se concentrar definitivamente nas infinitas possibilidades das quatro paredes... da casa? Não, claro que não: da mente humana – ia escrever da “mente feminina”, mas recuei. É nela, através dela, que os muros caem, as personagens levitam, ultrapassando a lua, o sol e a via láctea. Até que, com estrondo, o tal riso último – o riso dos risos – pare a acção, roube o movimento às imagens. Até que a boca goze na cara do universo.

[...]

Ele [Brisseau] é como Flaubert e as suas personagens femininas, ou seja, ele é as suas personagens femininas. E – vamos estar sempre a desenhar círculos aqui – as suas personagens femininas são as suas feridas, uma brecha através da qual acedemos à crueldade de um passado que não pára de assombrar, na mente e no espaço. Já antes o cinema de Brisseau falava em processos regenerativos parafreudianos, iniciados pelo ensino, pelo amor e pela magia. Mas só agora o seu cinema se demora seriamente, actualizando-se num tempo presente quase televisivo, nesse processo de cura.

A primeira protagonista – a mulher mais velha que encontra o telemóvel perdido que vai (des)encadear a história do trio feminino atravessado por “lágrimas e suspiros” – é, descobrimos cedo, alguém que está à espera de dias melhores.

[...]



Ela busca a cura através da amizade, mas também da criação, realizando instalações visuais – algures entre a estética do *screensaver* e o musical de Kubrick, *2001: A Space Odyssey* (*2001: Odisseia no Espaço*, 1968) – que “embelezam o sexo” numa coreografia cósmica de uma horrorosa beleza. A dona da casa, que lhe dá guarida por compaixão, descobre, por sua vez, o amor da sua vida num encontro que nem nas estrelas estava escrito. A dona do telemóvel, jovem libertina que prefere realizar vídeos eróticos com o telemóvel a tirar inocentes *selfies*, vai provar o “veneno da cura” no andar de cima, junto do tio Tonton, homem que fura o eixo espaço-tempo durante as suas sessões de meditação. Enfim, nunca estivemos tanto, e tão intensamente, no instante total, sublime e risível – quão bem casam o ridículo com o sublime em Brisseau neste momento – da regeneração. De quem? De quê? Regeneração do corpo e da alma, pelo sexo e pelos sentimentos, pela mente e pelo tacto. Claro que é o Diabo que carrega, até porque rir é o melhor remédio aqui. [...]

Realização: Jean-Claude Brisseau
Argumento: Jean-Claude Brisseau
Director de Fotografia: David Grinberg
Som: Emmanuel Le Gall
Montagem: Maria Luisa Garcia
Música: Anna Sigalevitch
Produção: Jean-Claude Brisseau, Gaël Teicher
Distribuição: Leopardo Filmes